

O BATISMO DE JOÃO E O BATISMO DE JESUS A PARTIR DE Mc 1,1-8

Alfredo dos Santos Oliva

Tenho um profundo respeito pelo teólogo alemão Jürgen Moltmann. Na minha opinião, ele é um dos maiores, melhores e mais bem fundamentados estudiosos de teologia em atividade. Seu trabalho tem influenciado as reflexões de biblistas e teólogos(as) do mundo inteiro. Seus escritos certamente serão mencionados e estudados pelos nossos descendentes.

Algumas marcas estão presentes em seus livros: profundidade exegética, reflexão consistente e pensamento comprometido com as minorias marginalizadas. Embora seja alemão, seus debates não deixam de lado as lutas das pessoas em outros continentes mais empobrecidos que o seu. Enfim, a lista de elogios poderia continuar por muitas linhas, mas não é dele que desejo falar.

Moltmann será apenas um ponto de partida para uma análise que considero da maior importância: a repercussão entre os grupos pentecostais e carismáticos de um tema que aparece em Mc 1,1-8: o batismo de Jesus com o Espírito Santo.

Uma pessoa preocupada com as transformações de um mundo injusto (como o Brasil) em um mais justo (como o que desejamos) poderia me questionar se este seria um tema relevante. Afinal de contas, se lutamos ao lado dos que são oprimidos, por que devemos nos ocupar com movimentos que supostamente seriam “alienados”, como, de fato, muitos pensam ser o caso dos pentecostais e os carismáticos? Não acho que as pessoas que assim pensam estejam totalmente sem razão.

Aqui entra, então, o teólogo acima citado. Ele também se ocupou com problemas similares ao que nos detemos no Brasil e na América Latina. Em um de seus belos livros sobre o Espírito Santo, ao analisar a experiência de pentecostais e carismáticos, se perguntava:

Contudo, uma pergunta crítica se dirige à negligência diante de certos carismas no atual “movimento carismático”: onde estão os carismáticos no cotidiano do mundo, na política, no movimento pacifista e no movimento ecológico? Por que não protestaram conosco contra os mísseis atômicos? Considerando que as forças do divino Espírito não são concedidas para fugir dos conflitos desse mundo real para um mundo religioso ilusório, mas sim para testemunhar no meio dos conflitos o senhorio libertador de Cristo, então o “movimento carismático” não deve tornar-se uma religião privada, alheia à política. O critério da vida no Espírito Santo é e continua a ser o seguimento de Jesus¹.

1. MOLTSMANN, J. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 69.

O que me chama a atenção é que o teólogo alemão não coloca em xeque a experiência dos pentecostais e carismáticos, mas a falta de envolvimento deles com as questões terrenas ou cotidianas. Fica claro que o alvo de suas críticas é a falta de relação da experiência com o Espírito Santo com o processo de transformação de sociedade injustas em comunidades mais razoáveis para a maior quantidade de pessoas possível.

Então, posso passar a perguntar: E se este problema de falta de engajamento social de carismáticos e pentecostais pudesse ser transformado? E se tivéssemos a paciência de aprender com eles sobre seu entusiasmo pela obra de Deus e eles pudessem ouvir de nós histórias sobre as lutas sociais das pessoas marginalizadas? Se tivéssemos a paciência amorosa e tolerante de lhes contar acerca de nossas preocupações com tantas pessoas que passam fome? Que resultados estes encontros poderiam produzir?

O fato de ter escrito este artigo significa que acredito que esse diálogo seja possível e necessário. Penso que um ponto de partida para ele poderia ser o texto de Mc 1,1-8. Através da passagem bíblica podemos entender o significado do batismo de João, assim como distingui-lo do batismo de Jesus, para, por fim, investigar as releituras que pentecostais e carismáticos fazem da expressão “batizar com o Espírito Santo”.

Este é o meu convite para você! Venha comigo explorar algumas investigações exegéticas sobre Mc 1,1-8 e, depois, algumas considerações sobre as releituras que pentecostais e carismáticos fazem ou têm feito do texto. Creio que será um caminho interessante e que nos levará a um diálogo que irá gerar em nós tolerância e respeito pelas pessoas que pensam de maneira diferente da nossa.

1. O batismo de João e o batismo de Jesus

Mc 1,1-8 é uma passagem riquíssima. Se eu fosse explorar em detalhes toda a sua riqueza, este artigo ficaria enorme e chato de ser lido. Como não desejo que isso aconteça, vou destacar apenas alguns aspectos que considero mais relevantes, sobretudo para a releitura carismática ou pentecostal que desejo empreender.

Eu começaria com a questão do espaço geográfico e social no qual atuava João Batista. O texto em destaque informa que ele batizava no deserto. A primeira questão com a qual nos defrontamos gira em torno de como ele poderia batizar em um lugar desértico, uma vez que interpretamos nos dias de hoje o termo como sinônimo de aridez ou falta de irrigação. Surge a pergunta óbvia: onde haveria água para batizar (submergir) as pessoas em um deserto?

Primeiramente, o texto ressalta que as pessoas eram batizadas no Rio Jordão, ou seja, na pior das hipóteses, se se tratasse de uma região desértica ou árida, esta seria cortada pelo mencionado manancial. Em segundo lugar, a palavra deserto não deve receber o significado que atribuímos na atualidade, mas outro muito diferente, conforme nos adverte um importante estudioso do movimento de Jesus: “Numerosas tradições independentes atestam a atividade de João no ‘ermo’ ou ‘deserto’, isto é, em um local

onde não havia ocupação humana ou cultivo permanentes, embora fosse usado às vezes como pasto”².

A afirmação de J.P. Meier é atestada também por A. Pohl: “Na Bíblia, deserto é uma terra que não se semeia (Jr 2,2), em contraste, portanto, com a terra cultivada, e onde nômades levantam suas tendas e criam seus rebanhos”. Fica evidente que a palavra deserto, no texto em questão, tem uma conotação muito mais teológica do que propriamente geográfica: “Neste trecho, na verdade, a expressão deserto [...] tem um sentido mais que geográfico. O deserto se diferencia da terra cultivada por ser pouco habitado, razão pela qual é considerado um lugar de encontro intenso com satanás [...], mas também com Deus [...]”³. Deserto deve ser visto como espaço social retirado ou alternativo aos centros de culto e poder tradicionais, como era o caso das regiões mais urbanizadas da Judeia ou mesmo a cidade de Jerusalém, centro administrativo e cívico. Deve também ser visto como lugar de experiência mística, no melhor sentido desta palavra; como lugar onde se encontra a Deus de forma intensa, fato que capacita o ser humano a combater os poderes satânicos. Não nos esqueçamos que Jesus, nosso modelo supremo de ação, foi tentado de diversas formas antes de iniciar seu ministério público e o lugar onde o diabo procurou seduzi-lo foi o deserto.

Gostaria de insistir ainda na ideia de João Batista ter surgido nas bordas dos centros de poder. O fato de Jesus ter sido batizado por João talvez esteja indicando tanto uma relação de continuidade de sua missão com a de seu primo, como também pode significar que seu ministério também emergiu das margens da sociedade de seu tempo. Enfim, seu projeto estava em sintonia com o de João Batista, que era o de transformar a sociedade a partir das margens. Claro que Jesus, como encarnação de Deus, emergiu em franca vantagem em relação ao seu parente.

Outra questão que merece atenção no nosso texto bíblico é o significado do batismo propriamente. Por que batizar? Qual a origem de tal prática, antes mesmo do ministério terreno de Jesus ou de se tornar uma prática muito importante para o cristianismo antigo? J.P. Meier nos traz alguns esclarecimentos:

Como símbolo, o batismo praticado por João se presta a diferentes significados; apenas os contextos remoto e próximo podem reduzir as possibilidades. Rituais com água são conhecidos em todas as religiões existentes no mundo e eram bastante comuns no Antigo Oriente Médio, em especial no Irã e na Babilônia, como símbolos de purificação ritual ou espiritual e de concessão de nova vida⁴.

Não há nada de novo no fato de as pessoas passarem por um rito de purificação ritual intermediado pela água. A novidade apresentada por João se deve ao fato de ele ser o “batizador” ao invés das pessoas se banharem sozinhas ou por conta própria:

2. MEIER, J.P. *Um judeu marginal*: repensando o Jesus histórico. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Volume 2, Livro 1 – Mentor, p. 66.

3. POHL, A. *O Evangelho de Marcos*: comentário esperança. Curitiba: Esperança, 1998, p. 49.

4. MEIER, J.P. Op. cit., p. 75.

Em Qumran, como no judaísmo em geral, as pessoas a serem purificadas banhavam-se sozinhas. João, por seu lado, arrogava para si o papel central e incomum de imergir os candidatos. Esta é a diferença marcante, que deu a João seu cognome *batistes*, “o imersor”, “o submersor”⁵.

Parece não haver dúvidas de que a prática era uma característica de João, pois acabou sendo esta (batizador ou batista) a forma usada para identificá-lo como pessoa, de forma que nos dias de hoje vemos a palavra batista como se fosse seu sobrenome e não um qualificativo ligado ao seu ministério. Mas o fato de João batizar não é a única inovação nas suas ações. Também há algo de novo no sentido conferido ao ritual que praticava. O batismo de João era qualificado pela palavra arrependimento, que pode significar mudança de mente ou de forma de pensar. Em outros lugares a mesma expressão é traduzida por conversão. Parece que o contexto de tal ação seria o de uma visão escatológica ou apocalíptica em vias de se realizar na história:

[...] contexto de violenta escatologia iminente, com toques apocalípticos: os israelitas arrependidos confessam seus pecados, se comprometem a mudar suas vidas e recebem um batismo único e definitivo pelas mãos de João, na esperança de serem poupados do cruel julgamento que está por vir e de estarem incluídos quando Deus derramar seu espírito purificador e vivificante sobre o verdadeiro Israel⁶.

Até este ponto parece haver convergência entre João e Jesus e seus respectivos ministérios. Daqui em diante, as distinções começam a saltar aos olhos. Se João batiza para o arrependimento ou conversão, a fim de que as pessoas possam receber perdão e, assim, serem poupadas do juízo iminente, Jesus ministrará um batismo diferente. Primeiro porque Ele mesmo já havia inaugurado uma nova era escatológica, o tempo do messias, através de sua encarnação ou presença física entre nós. Depois, porque, conforme o próprio Batista anunciava, Jesus batizaria com o Espírito Santo.

O que o une com Jesus é que ambos batizam, e que suas ações estão em sequência lógica. O batismo de João prepara o batismo daquele que vem, e o batismo deste confirma o batismo de João. Depois, porém, precisa ser mencionada uma diferença gigantesca, pela qual aquele que vem mostra ser incomparavelmente mais forte. Esta consiste no meio do batismo: um batiza na água do Jordão, o outro com “água pura”, ou seja, o Espírito Santo (Ez 36.25)⁷.

Na nova era escatológica inaugurada pelo messias não haveria batismo apenas como um rito que simbolizava ou selava o arrependimento ocorrido no interior da pessoa, embora o rito do batismo continuará a ter uma importância muito grande no âmbito do cristianismo. Jesus passaria a batizar com a água pura e que brotava interiormente, que é o Espírito Santo. Enquanto o projeto de alguns personagens do tempo de Je-

5. Ibid., p. 77.

6. Ibid., p. 79.

7. POHL, A. Op. cit., p. 53.

sus parecia ser a mudança exterior, um certo legalismo ritual, o mestre desejava uma mudança de dentro para fora.

A vida e o perdão não se oferecem mais no Templo, mas no deserto; não pelos sacerdotes, mas pelo profeta; não mediante sacrifícios de purificação ritual, mas mediante um batismo que leva à conversão eficaz e à mudança do coração como sede de valores, relações e origem de estruturas⁸.

Esta mudança interna, fato que capacitaria as pessoas a se engajarem na transformação de sociedades injustas em lugares melhores para se viver, só poderia ser levada a termo com a presença permanente do Espírito de Deus em suas vidas. Na ausência física de Jesus como companheiro ou consolador, o Evangelho de João narra a promessa de um outro consolador, o Espírito Santo (Jo 14,16.25, por exemplo).

Outra pergunta importante surge, então: quando se cumpriu a promessa de João de que viria um batizador com o Espírito Santo? A. Pohl pensa que o cumprimento da profecia se realizou na célebre festa de Pentecostes narrada no Livro de Atos dos Apóstolos.

Quando a profecia do Batista se cumpriu? Os primeiros cristãos tinham certeza de que isto só aconteceu depois da exaltação do Senhor. Em Pentecostes é que nasceu o Israel do tempo do fim, no qual até hoje são enxertados membros novos. [...] É verdade que os discípulos foram enchidos com o Espírito só em Pentecostes, mas seu Senhor, durante a vida terrena, já lhes foi um modelo de como é ser cheio do Espírito de Deus. [...] “Espírito” é outra palavra para “Deus em ação”⁹.

Não é apenas o exegeta acima mencionado que entende que a promessa de João Batista tenha se cumprido em Pentecostes; também os carismáticos e pentecostais dos dias de hoje assim o pensam. E eles vão um pouco mais além nos fatos. Não acham que o derramamento do Espírito Santo em Pentecostes foi apenas um fato histórico, mas algo que deva ser vivenciado por toda Igreja de Cristo, em qualquer tempo passado ou futuro, por qualquer pessoa que se autoidentifique como cristã. Vejamos estes fatos com um pouco mais de detalhes a seguir.

2. Releituras carismáticas e pentecostais

Creio ser necessário começar com uma definição dos termos carismático e pentecostal. No meu modo de ver as coisas, a diferença entre um grupo e outro é muito sutil, mas é por demais importante para ser desprezada.

Que se pode compreender por carismático? A definição é dada por um dicionário especializado, produzido por uma editora pentecostal, bastante engajada com a visão doutrinária de sua denominação, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus:

8. GALLARDO, C.B. *Jesús, hombre en conflicto: el relato de Marcos en América Latina*. Santander: Sal Terrae, 2000, p. 79.

9. POHL, A. Op. cit., p. 53.

Termo genérico usado para descrever os cristãos que creem que manifestações do Espírito Santo operadas na Igreja cristã do primeiro século, tais como curas, milagres, profecia e glossolalia (falar em outras línguas ou idiomas), estão disponíveis aos crentes contemporâneos e devem ser experimentadas e praticadas na atualidade. [...] O carismático difere do pentecostal em aspectos-chave: a maioria dos carismáticos rejeita a preeminência dada pelo pentecostalismo à glossolalia, rejeita o que considera ser legalismo, às vezes associado ao pentecostalismo, e, em geral, permanece em suas próprias denominações, como é o caso dos católicos romanos carismáticos¹⁰.

Como se pode ver, o batismo com o Espírito Santo é marcado por diversos aspectos (curas, milagres, profecias), mas o falar em línguas adquire um destaque especial porque é o aspecto que permite distinguir um pentecostal de um carismático. Como se trata de um dicionário vinculado a um grupo pentecostal, conforme assinalei anteriormente, considero sua definição do termo pentecostal muito mais útil, pois nos mostra como os pentecostais se veem ou se autoidentificam:

Palavra usada a partir de 1907, na Grã-Bretanha, pelas igrejas históricas tradicionais (anglicanas, episcopais, metodistas, evangélicas), para se referir aos crentes que criam e recebem o batismo no Espírito Santo, por causa da analogia entre esse movimento e o dia de Pentecostes (At 2,1-13), isto é, por causa da efusão do Espírito e das manifestações de poder, que eram observadas por toda a parte nas ilhas britânicas. Por sua vez, “pentecostal” é o crente que crê (adepto) na possibilidade de receber a mesma experiência do Espírito Santo que os apóstolos receberam, no dia de Pentecostes¹¹.

O principal elemento identitário do pentecostalismo, como o próprio nome indica, está na crença de que a experiência vivenciada por milhares de pessoas no dia da celebração da festa de Pentecostes está disponível para todas as pessoas. A evidência de que a pessoa teria experimentado um Pentecostes em sua vida seria o batismo (submersão) no Espírito Santo, evidenciado pelo falar em novas línguas.

A definição de pentecostal aparece em um outro dicionário, também especializado, mas elaborado por um outro grupo. Trata-se de uma entidade que congrega representantes de escolas teológicas protestantes diversas e que tem um enfoque dos fatos mais ecumênico ou “aberto”. Ele nos mostra alguns detalhes diferentes do conceito anteriormente mencionado:

Doutrina da contemporaneidade dos dons espirituais com ênfase na glossolalia; rígidas normas morais e éticas, em uma busca incessante de santidade; uma forte rede de relacionamento interno; liderança carismática; abordagem milenarista. Movimento religioso evangélico onde há manifestações chamadas

10. ARAÚJO, I. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 155.

11. *Ibid.*, p. 553.

pentecostais, expressão dos dons espirituais como profecia, cura, falar em línguas estranhas¹².

Embora uma série de aspectos apareça como descrição do pentecostalismo (rigidez moral, ênfase na teologia da santidade, liderança carismática, milenarismo), creio que o elemento fundamental gira em torno do batismo com o Espírito Santo.

Carismáticos e pentecostais creem que o batismo com o Espírito Santo seja uma experiência disponível para todos os cristãos dos dias de hoje, mas diferem quanto ao fato que deve evidenciar sua ocorrência. O batismo com o Espírito Santo pode ser descrito como uma experiência profunda e extática com Deus. Outros nomes podem servir para designar o mesmo fenômeno ou algo similar em outras denominações cristãs: experiência de poder ou plenitude no Espírito Santo.

Para os pentecostais o batismo no Espírito Santo é uma experiência distinta da conversão e, por isso, muitas vezes é denominada também de “segunda bênção”. O fiel seria revestido de um poder vindo do alto a fim de testemunhar do amor de Cristo. Na visão tipicamente pentecostal, o batismo no Espírito Santo é sempre e necessariamente evidenciado pelo falar em outras línguas.

Acho fundamental destacar o fato de que os pentecostais distinguem o falar em línguas estranhas do dom de línguas. O primeiro é a evidência necessária de que a pessoa foi batizada no Espírito, logo é uma experiência a ser desejada e procurada por todo cristão. Além disso, deve ser praticado em todas as circunstâncias da sua vida espiritual. Por outro lado, o dom de línguas é uma capacitação especial do Espírito de Deus para que as pessoas possam servi-lo no contexto do corpo de Cristo. Neste caso, seu uso fica mais restrito à situação em que a pessoa também é dotada por Deus para interpretar o que fala ou, pelo menos, quando existir uma outra pessoa que possa traduzir o que diz na linguagem espiritual ininteligível.

A compreensão carismática do batismo com o Espírito é bastante parecida com a dos pentecostais, apresentando uma variante sutil, mas muito importante. Assim como os pentecostais, também acreditam no batismo como uma segunda bênção, mas pensam que esta experiência não deve (necessariamente) ser evidenciada pelo falar em línguas estranhas. A pessoa pode e deve buscar um revestimento de poder vindo do alto ou a renovação de sua vida espiritual, mas há tantas formas disto acontecer que não se pode questionar se ela aconteceu ou não, só porque a pessoa não fala em outras línguas ou línguas estranhas.

Cabe, ainda, destacar que o que se pode chamar de movimento carismático não é um fenômeno restrito a uma determinada denominação cristã, mas uma experiência que perpassa algumas igrejas protestantes tradicionais, assim como está presente em parte significativa da Igreja Católica Apostólica Romana através do Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC). Este fato teria sido desencadeado em decorrência da explosão numérica dos pentecostais no cenário mundial, sobretudo a par-

12. BORTOLETTO, F. *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: Aste, 2008, p. 774.

tir da segunda metade do século XX, fato que também é acompanhado no nosso país (somos disparados o país com o maior número de pentecostais do mundo!). O que se poderia chamar de sucesso pentecostal teria desafiado igrejas não pentecostais a adaptarem algumas de suas práticas de modo a acolher alguns elementos doutrinários e ritualísticos do pentecostalismo, como é o caso do batismo no Espírito¹³.

Assim sendo, considero o principal elemento de construção da identidade dos grupos pentecostais e carismáticos da atualidade o falar em línguas estranhas. Cabe ressaltar que este fenômeno foi descrito por J. Moltmann da seguinte forma:

Considero o falar em línguas uma ação tão intensa do Espírito no íntimo da pessoa que a expressão se desprende da linguagem inteligível e desata em gemidos, gritos e fala inteligível, assim como uma dor intensa se expressa num choro incontido ou a alegria desmedida em risos, saltos e danças. Nossos cultos nas igrejas territoriais alemãs são ricos em pensamentos nos sermões e em maravilhosos corais, mas pobres em formas pessoais de expressão, e sem qualquer possibilidade de manifestações espontâneas. São reuniões disciplinadoras para o falar e o ouvir. Por isso exerce uma influência libertadora sobre nós perceber nos cultos carismáticos de negros nos Estados Unidos e na África uma linguagem corporal muito diferente de nosso costume de sentar quietos e postar as mãos. Entendo o falar em línguas como o começo, por meio do qual uma experiência forte do Espírito solta a língua de pessoas mudas e elas podem expressar o que as move tanto¹⁴.

J. Moltmann não questiona a legitimidade do falar em línguas em si, mas não entende por que os pentecostais e carismáticos não estariam envolvidos com questões terrenas, como protestar contra as injustiças sociais ou contribuir para a transformação socioeconômica do mundo em que vivemos. Claro que esta afirmação não poderia ser aplicada de forma global aos pentecostais ou carismáticos. Creio que o mais preciso seria dizer que o centro das preocupações destes grupos esteja mais voltado para questões “espirituais”, em detrimento de questões “seculares”.

Acho que é um erro grave tentar dissociar experiências espirituais de poder, como o batismo com o Espírito Santo, do engajamento em um projeto de transformação societária. J. Moltmann usa expressão “Espírito da vida” no lugar de “Espírito Santo” na tentativa de corrigir esta forma equivocada de dualismo. Também no meu modo de ver, são duas questões inseparáveis e a chave para pleitearmos uma visão integrada de ambos os fenômenos está no próprio Livro de Atos dos Apóstolos.

O Livro de Atos tem exercido o papel de principal fundamento da experiência pentecostal, especialmente o seu segundo capítulo, onde aparece a narrativa do derramamento do Espírito Santo por ocasião da Festa de Pentecostes. Devemos considerar que os pentecostais estão certos ao procederem desta forma. Em nenhum outro lugar da Bíblia é possível encontrar um relato que narre uma experiência espiritual tão fer-

13. Cf. OLIVA, A.S. & ZABATIERO, J.P.T. Batismo e batismos. In: ZABATIERO, J.P.T. (org.). *Teologia sistemática: curso Vida Nova de teologia básica*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

14. MOLTMANN, J. Op. cit., p. 68.

vorosa e intensa. Acontece que este mesmo segundo capítulo de Atos é também amplamente mencionado pelos grupos ligados aos movimentos da Teologia da Libertação, especialmente a sua parte final quando narra a comunidade de bens entre os primeiros cristãos. Também esta leitura, a libertadora, pode ser considerada adequada, uma vez que se pode afirmar com razão ser raro na Bíblia um trecho que afirme de forma tão radical a necessidade de comunhão de vida e de bens entre os cristãos.

O que as duas formas de ler o Livro de Atos, a pentecostal e a libertadora, não têm levado em consideração é que há uma correlação muito importante entre os dois acontecimentos narrados no mesmo livro da Bíblia. O mesmo capítulo (At 2), que começa relatando uma experiência de grande fervor (Pentecostes), termina nos dando um belo exemplo de como viver o Evangelho de forma socialmente responsável (“Eles tinham tudo em comum”).

Precisamos enfrentar esta importante relação que existe entre a experiência de poder com o Espírito Santo e a tarefa de transformação das nossas sociedades através de nossas igrejas cristãs. Esta aproximação ao texto de Atos só pode ser devidamente fundamentada se levarmos em consideração uma leitura de toda extensão do segundo capítulo de Atos, assim como toda a extensão do livro.

Entendo que em nenhum outro momento da história, como é o caso dos dias de hoje, foi tão oportuna e necessária a integração entre dimensões cultivadas tão separadamente. Creio que um pouco mais de humildade poderia nos capacitar a estabelecer diálogos e relações que poderão revolucionar a vida de pessoas e comunidades cristãs. Os pentecostais precisam aprender a valorizar mais a missão integral ou libertadora da Igreja, uma vez que não lhes falta fervor espiritual. Por sua vez, os grupos não pentecostais precisam dispor-se mais à recepção ou à busca da presença poderosa do Espírito Santo. Há como que uma relação de complementaridade entre dimensões que, até hoje, têm estado separadas. Alguns indícios demonstram que esta integração está começando a se concretizar: os pentecostais estão estudando mais e se deixando influenciar teologicamente pelas escolas não pentecostais; os grupos não pentecostais estão em pleno processo de carismatização. Creio que o cenário para um interessante diálogo ecumênico está colocado, basta tentarmos superar muitos preconceitos que movem nossos modos de ver e de nos relacionar com o outro.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, I. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BORTOLETTO, F. *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: Aste, 2008.

GALLARDO, C.B. *Jesús, hombre en conflicto: el relato de Marcos en América Latina*. Santander: Sal Terrae, 2000.

MEIER, J.P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Volume 2, Livro 1 – Mentor).

MOLTMANN, J. *A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVA, A.S. & ZABATIERO, J.P.T. Batismo e batismos. In: ZABATIERO, J.P.T. (org.). *Teologia sistemática: curso Vida Nova de teologia básica*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

POHL, A. *O Evangelho de Marcos: comentário esperança*. Curitiba: Esperança, 1998.

STRONG, J. Léxico hebraico, aramaico e grego de Strong. In: *Biblioteca digital da Bíblia*. Barueri: SBB, 2006. 1 CD-ROM.

Alfredo dos Santos Oliva
Universidade Estadual de Londrina
Av. Garibaldi Deliberador, 216 – CB T04
86050-280 Londrina, PR
alfredoliva@uel.br